



JORNAL DE SANTA LUZIA

EDITORIAL

«A missão faz parte da gramática da fé», afirmou o Papa Francisco na mensagem que nos dirigiu por ocasião do Dia Mundial das Missões, celebrado a dezoito de Outubro.

Efectivamente, ser missionária não é apenas mais uma característica da Igreja, mas algo que a define e estrutura; algo que faz parte da sua identidade. Se a Igreja deixasse de ser missionária, deixaria de ser Igreja. Se os cristãos deixassem de ser missionários, deixariam de ser verdadeiramente cristãos.

Por vezes, podemos pensar que a missão (ou as missões) é uma realidade que nos transporta para mundos distantes e desconhecidos. Também o é. Mas não só. Aqui e agora, na família, no trabalho, na sociedade em que vivemos, temos de ser missionários. Temos de anunciar o Evangelho com a palavra e, sobretudo, com a vida.

A este propósito poderão ser oportunas as palavras da Madre Teresa de Calcutá: «O amor começa na própria casa e continua na própria casa, onde nunca faltam ocasiões de o demonstrar. A casa é o primeiro lugar onde é necessário praticar o amor e o espírito de serviço. Conheceis realmente os vossos familiares, os vossos vizinhos, as pessoas com quem lidais? Preocupai-vos com a sua felicidade? Procurai, antes de tudo, fazer isto e, depois, podereis pensar também nos pobres que estão longe».



02

MISSÃO É PARTIR!?
MAS, VOU FICAR!

02 / 03

BEATO BARTOLOMEU
DOS MÁRTIRES:
O CORAÇÃO DE DEUS
NO MEIO DO POVO

04

NÓS POR CÁ...
BOM HUMOR

Missão é partir!? Mas, vou ficar!

Texto: Pe. Tiago Barbosa



Terminámos, há poucos dias, o mês de Outubro. Em 1926, por iniciativa do Papa Pio XI, este mês foi dedicado às Missões. Neste ano, celebrámos 89 anos da existência de um mês dedicado inteiramente às missões. Mas qual é o objetivo deste mês missionário?

Talvez muitos pensem que um missionário é aquele ou aquela que entra para uma ordem religiosa e parte pelo mundo para anunciar o Evangelho, cumprindo, assim, o mandamento de Jesus: «*Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura*» (Mc 16, 15). Mas podemos colocar algumas questões: Quais são as condições para se tornar missionário? São os estudos? Os diplomas? Os cursos? Na verdade, a verdadeira e a única condição para sermos missionários é sermos cristãos pelo batismo. O batismo não nos dá apenas a identidade de cristãos, o batismo é o sacramento da missão. Ora, se não somos missionários, logo não somos cristãos.

A vida de um cristão não se resume em receber os sacramentos, participar na Eucaristia, na catequese... todos estes gestos devem ser a consequência do nosso encontro pessoal com Cristo. Um encontro que é inesquecível, belo e que, ao mesmo tempo, transforma a nossa vida. Por isso, um cristão deve estar consciente de que a sua vida sem Cristo não seria a mesma coisa. Olhando para os apóstolos, vemos que se deixaram encantar pelos gestos, pela atitude e pelas palavras de Jesus. Este encanto fez com que não tivessem medo de partir e anunciar. Os apóstolos não ficaram calados, mas anunciaram sem medo apesar das dificuldades, tal como relata o livro dos Atos dos Apóstolos. Este é o grande desafio que nos é pedido hoje: também nos deixarmos encantar por Cristo para que possamos anunciar a todos os homens. À medida que nos deixamos encantar pela pessoa de Cristo arde o nosso coração (cf. Lc 24,32) e anunciamo-lo a todos os homens. Por isso, o tema deste mês missionário foi: «**Missão: o que o amor não pode calar**». Neste sentido, o Papa Francisco escreveu na sua mensagem para este mês missionário: «*a missão é uma paixão por Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, uma paixão pelas pessoas*».

Diante deste grande desafio de sermos todos missionários, pode surgir a mesma resposta dada pelo profeta Jeremias: «Mas, Senhor, eu não sei falar» (Jr1,6). A missão não é fazer grandes palestras, nem longos discursos. A missão faz-se pela vida. Devemos dar razões da nossa fé através da nossa vida. Assim, muitos quererão saber e descobrir os motivos de sermos diferentes. Aí, muitos perceberão que vale a pena acreditar em Jesus Cristo e quererão descobrir ou redescobrir a beleza da fé.

Hoje, em pleno século XXI, a Igreja e a sociedade necessitam de cristãos que vivem sem medo a sua fé e que não tenham medo de propor este caminho de felicidade a todos os homens. Aqui, no nosso país, na nossa diocese de Viana do Castelo, necessitamos de testemunhas de Cristo. Quantos portugueses nunca ouviram falar de Cristo? Quantos portu-

gueses se afastaram de Deus? Quantos jovens portugueses procuram um caminho de felicidade para as suas vidas?

Diante destas perguntas, Deus coloca-nos a questão: “A quem enviarei? Quem será o meu mensageiro?” (Is7,8). Qual será a tua resposta? Não tenhamos medo de sair, de sentir, tal como escreve o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, “não nos serve ‘uma simples administração. Continuamos em ‘estado permanente de missão’”. Precisamos de sair das nossas Igrejas para percorrer e prestar serviço, seguindo o modelo de Jesus Cristo, a todos os homens.

Que este mês que agora terminou nos incentive a tomarmos consciência de que não podemos guardar o tesouro de Jesus Cristo só para nós, mas que devemos levá-lo aos outros, para que se deixem fascinar pela beleza de Cristo. Aqui está a nossa missão! Boa Missão...

BEATO BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES: O CORAÇÃO DE DEUS NO MEIO DO POVO

Texto: Pe. Jorge Alves Barbosa

“*Quem tem a caridade no coração e nos costumes pode dizer: ‘Eu vi o fim de toda a perfeição, quer dizer o largo mandamento da caridade. Chama-se largo porque alarga o coração para todos e o enche de alegria e confiança (...)* E São Paulo confessou que sentia ter em si o coração dilatado para meter nele todo o mundo. Esta é a que faz o jugo do Senhor suave e leve”. Certamente vemos nestas palavras uma ressonância da linguagem muito própria da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, mesmo que escritas séculos antes de ela ter despontado; nelas encontramos a profunda relação entre a virtude da caridade e o coração humano, que constitui o alicerce do culto sacricordiano; são palavras, simples mas sentidas, que Frei Bartolomeu dos Mártires escreveu no seu Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais, publicado no ano de 1564, para ser utilizado pelos padres da Arquidiocese de Braga para instrução do povo de Deus através das homilias de cada Domingo e Festa.

Frei Bartolomeu dos Mártires foi alguém que procurou, mais pelo exemplo de vida que pela simples instrução ou pregação, ser presença do amor divino encarnado em cada cristão, mas muito mais no Bispo. A mensagem que nos deixou é sobretudo a de uma pessoa dedicada ao seu rebanho com a solicitude do verdadeiro e único Bom Pastor que tantas vezes exprime no Evangelho a sensibilidade e ternura que caracterizam e definem a própria essência de Deus: o “*Deus clemente e compassivo, lento para ira e rico*

de misericórdia” que em Jesus Cristo exclama “*Tenho pena desta gente...*”. As multidões que motivaram Jesus para a multiplicação do pão da Palavra e do pão para a boca encontram-se reencarnadas nas multidões de pobres, de empestados, mas também de ignorantes que acorriam a Frei Bartolomeu dos Mártires, fosse nas serranias do Barroso ou do Gerês, fosse no ambiente de miséria moral e física em que vivia uma grande parte da gente da Ribeira vianense. A sua sensibilidade e espírito de missão junto dos mais simples e mais pobres assentava numa formação humana e cristã decorrente dum ambiente familiar favorável ao crescimento na fé e da influência proveniente do vizinho convento de São Domingos de Lisboa, onde a sua natural curiosidade pelas coisas de Deus encontrou as primeiras respostas.

Bartolomeu dos Mártires nasceu, de facto, em Lisboa, a 3 de Maio de 1514, e logo sentiu o chamamento de Deus a uma vida mais perfeita, nomeadamente quando, na ida para a escola, acompanhava o seu avô, já cego, para a missa na Igreja de Nossa Senhora dos Mártires, e confiava o pequeno aos cuidados maternos de Maria. A curiosidade intelectual de Bartolomeu e o prestígio dos frades dominicanos, ali vizinhos, cedo o atraíram ao convento de S. Domingos de Benfica onde, com catorze anos apenas, haveria de solicitar a integração como membro da Ordem Dominicana, na ânsia viver uma vida de abstinência perpétua, jejuns prolongados, vigílias frequentes, grande pobreza no vestir,



limitações no dormir. Esse coração ardente que mais tarde haveria de se expandir na sua divisa episcopal *“ardere et lucere”*, quer dizer, “aquecer e iluminar”, evoca certamente, para nós, o próprio fogo do Coração de Cristo, “Chama ardente de Caridade”, já expresso na resposta que deu ao incrédulo Prior do Convento quando confrontado com a pretensão daquele adolescente em abraçar a vida religiosa: *“não há corpo fraco onde o coração é forte”*.

Ali encetou uma brilhante carreira académica, passando a exercer funções e professor de Filosofia e Teologia logo a seguir à conclusão dos seus estudos, nomeadamente no célebre Mosteiro da Batalha; este era um reconhecido centro de formação dominicana, depois elevada à categoria de ensino universitário, em virtude do prestígio que para ali trouxera a figura de Frei Bartolomeu. A sua actividade de professor, ao contrário da dimensão mais fria e racional que vigorava nos meios académicos da época, era caracterizada por uma enorme sensibilidade para com a vida dos crentes, numa procura de “falar ao coração” mais que à inteligência, no contexto daquilo que se haveria de chamar uma “teologia afectiva”. De facto, “aquela alma de perfeito Dominicano, nunca deixou de dar aos seus estudos e ensinamentos uma feição apostólica”, na convicção profunda de que “de estudo sem devoção e de pregação sem preceder oração pouco proveito se pode esperar”. Neste ambiente de crescimento humano e intelectual, formou-se uma personalidade profundamente sensível que marcaria a nova etapa que as surpresas da vida lhe estavam para reservar. Ser convidado para Arcebispo de Braga.

Profundamente humilde, fez quanto pôde para não ter de suportar a mitra bracarense e só a obediência ao seu Superior o levou a ceder à eleição para tão alta responsabilidade e dignidade. E, mais uma vez, encontramos nele a sensibilidade que nos leva ao coração de Cristo “manso e humilde de coração”. Frei Bartolomeu sabia bem que a obediência não é uma forma de escravatura, de submissão cega ou aniquilamento da personalidade, mas é uma forma de acolher serena e humildemente a vontade de Deus “escutada com o coração”, já que é esse o significado da palavra: “ob+audire”, ou seja, escutar quem está na nossa frente. Por isso, foi um acto de “escuta”, em primeiro lugar de Deus, em segundo lugar do seu Superior, Frei Luís de Granada, em terceiro lugar, da Rainha Dona Catarina e, finalmente, numa escuta do grito dramático de tantas “ovelhas sem pastor” que eram os fiéis de uma Diocese enorme, com mil e quatrocentas paróquias. Apesar da relutância em assumir tão honroso e, por tantos outros, ambicionado cargo, e do próprio medo que os grandes desafios colocam a qualquer pessoa, “vergou e prostrou-se diante da obediência devida ao seu superior, aceitando o ofício como uma “cadeia de ferro”, uma camisa-de-forças, uma “braga”, como ele dizia, jogando com o nome da Arquidiocese. Enquanto Arcebispo, Frei Bartolomeu foi um pastor de almas, e a sua vida não teve outro sentido senão o de se dar todo pelas suas ovelhas: pensando no “pasto de doutrina” a dar aos seus fiéis, cuidou a formação dos padres e do povo, a quem pregava com linguagem simples e incisiva, por vezes um pouco dura,

rodeando-se dos melhores colaboradores de que destacamos o que haveria de ser o missionário e mártir portuense Beato Inácio de Azevedo, primeiro director dos estudos. Ao mesmo tempo, fundava em Viana do Castelo o Convento de Santa Cruz, hoje São Domingos, de onde os padres eram enviados em missão formadora para as terras do Alto Minho, nomeadamente nos tempos de Advento e Quaresma.

Todavia, foi junto dos mais pobres que se cimentou a personalidade e a memória de Frei Bartolomeu que, no coração dos mesmos pobres, encontrou um espaço de onde nunca mais se ausentou até hoje. Em primeiro lugar, assumiu a pobreza extrema na sua forma de viver: no paço episcopal vivia num pequeno quarto com uma cama feita de três tábuas mal lavradas, atravessadas sobre dois banquinhos do mesmo tipo; por cima, uma enxerga de palha e, em cima dela, um colchão de pano grosso que já trouxera do seu convento; na mesa-de-cabeceira, uma pequena tigela de madeira com água; alimentava-se particularmente de pão, água e legumes. Os seus bens eram “propriedade dos pobres” como ele dizia; no paço encontravam apoio milhares de visitantes certos, e muitos mais seriam os deserdados da fortuna a quem a vergonha impedia de estender a mão e muito menos deslocar-se ao Paço bracarense. Conhecemos algumas narrativas encantadoras, quase anedóticas, que nos referem os ditos e cenas que marcavam a generosidade de Frei Bartolomeu: aos senhores importantes de Braga que queriam fazer um monumento em sua honra, respondeu: *“Vocês são piores que o diabo!... Ele queria que Jesus transformasse pedras em pão e vocês querem transformar o pão dos pobres em pedras!...”*. O seu carácter enérgico, aliado a uma sensibilidade ímpar na relação com os seus pobres, levou-o a atitudes radicais como aquela em que enfrentou o seu próprio superior um pouco escandalizado e preocupado com a austeridade de Frei Bartolomeu: *“Estão os santos a pregar a pobreza e a segui-la em tudo e eu que me meta em faustos? Os santos a persuadir-me humildade e a meter-se debaixo dos pés de todos e eu que mostre brios e ufanias? Que esteja Cristo mandando aos discípulos que caminhem descalços e sem alforge e Frei Bartolomeu, sucessor deles, que ande cercado de criados e com acompanhamento e estado de príncipe?”*. É um coração magnânimo, desprendido, mas grande que provoca aquela atitude documentada em lápide que marca ainda hoje a janela da sua cela no convento vianense por onde lançou a própria enxerga e travesseiros da sua pobre cama, passando a dormir sem conforto algum, até que os frades lhe descobriram e remediararam a necessidade.



NOTA: Este artigo terá continuação na próxima edição do nosso jornal.

NÓS POR CÁ...

Texto: Ana Rita Pereira

Ainda durante o mês de Setembro...

No dia 19, realizou-se a Rampa de Santa Luzia, organizada pelo Viana Motor Club. Pelo 2º ano consecutivo, o Monte de Santa Luzia encheu-se de carros clássicos e aficionados do desporto.



No dia 20, 3º domingo do mês, comemorou-se a solenidade de Nossa Senhora da Abadia, com uma eucaristia solenizada pelo Coral Polifónico de Viana do Castelo. O culto a Nossa Senhora da Abadia já é bem ancestral aqui no cimo do monte. Na verdade, no nosso acervo consta um dintel (um bloco de pedra assente sobre a estrutura de uma porta) cuja epigrafia nos conta que a extinta capela de Santa Luzia foi um dia dedicada à Nossa Senhora da Abadia.

No dia 30, recebemos um grupo de 23 amigos que, oriundos de diversas localidades, se reúnem mensalmente para um convívio com passeio. Este mês decidiram visitar a nossa bela cidade e, como não podia deixar de ser, o ex-líbris da Princesa do Lima. No final, ficou o registo da visita através da máquina fotográfica do Sr. Manuel.



E já em Outubro...

No dia 5, recebemos novamente um grupo de automobilistas, que todos os anos rumam a Santiago de Compostela, sempre com paragem obrigatória pelo Templo-Monumento de Santa Luzia.

Nos dias 13 e 14, recebemos dois grupos de peregrinos provenientes da China. As fotografias foram muitas!

Bom Humor

O João, aluno muito supersticioso, diz para um colega:

- Estou muito desiludido. Olha para isto: meti esta ferradura de cavalo na mochila e mesmo assim chumbei no exame!

- É pá... está explicado! É que te enganaste, esta ferradura não é de cavalo, é de burro!

Andavam dois tubarões- pai e filho- a passear quando passa um submarino:

- O que era aquilo, papá?

- Um óptimo petisco, filho: homens em conserva!



O Apostolado da Oração, que é caminhada de espiritualidade recomendada pelo Papa, tem, para o mês de Novembro, as seguintes intenções: Para que nos abramos ao encontro pessoal e ao diálogo com todos, também com aqueles que pensam de modo diferente do nosso; Para que os pastores da Igreja, com profundo amor ao seu rebanho, acompanhem o seu caminho e animem a sua esperança.



Horários

TEMPLO - 08H00 às 17H00

ZIMBÓRIO E ASCENSOR - 09H00 às 16H45

CASA DAS ESTAMPAS - 09H00 às 17H00

BAR - 09H00 às 17H00

CONFISSÕES - 14H00 às 17H00

EUCARISTIA DOMINICAL - 11H00 e 16H00

EUCARISTIA DA SEMANA - 16H00

VIA SACRA:

Última Sexta-Feira de cada mês - 15H00

Todos os Domingos da Quaresma - 15H00

TERÇO DIÁRIO - 15H30

ADORAÇÃO AO SANTÍSSIMO - 1.ª Sexta-Feira e

1.º Domingo de cada mês - 15H00



Contactos

Confraria de Santa Luzia
Monte de Santa Luzia, Ap. 21
4901-909 Viana do Castelo

Tel.: (+351) 258 823 173

Tlm.: (+351) 961 660 300

Email: confrariasantaluzia@gmail.com

Website: www.templosantaluzia.org

Facebook: www.facebook.com/TemploSantaLuzia



Ficha Técnica

Propriedade - Confraria de Santa Luzia

Presidente - André Ramos Alves

Director do Jornal - Pe. Renato Oliveira

Design - Confraria de Santa Luzia

Periodicidade - Mensal

ISSN 2182-4908



Donativos

Podem ser entregues da seguinte forma:

- Nas **caixas de esmolas** em envelope fechado, com indicação do nome, morada e número de contribuinte (NIF);
- Na **secretaria** do Templo-Monumento;
- Por **transferência bancária** para a conta do Templo (Santander Totta):

NIB: 001800002828268100114

IBAN: PT50 0018 000028282681001 14

BIC/SWIFT: TOTAPTPL

Por esta via é obrigatório o envio do comprovativo de transferência, com nome, morada e NIF.

Desde já agradecemos a todos os que contribuem para a preservação e requalificação do Templo-Monumento de Santa Luzia.